

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P. JÚLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração, Interim: Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO VI

MELGAÇO, 15 de Março de 1952

AVISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
No 19

POR MELGAÇO CUMPRE

I - Escolas

Conta a nossa terra infelizmente grande número de analfabetos. É pena.

Aos rapazes, acode em grande parte o quartel, às raparigas, com tão larga percentagem, saídas das primeiras classes das escolas, e tantas delas por aí sem saberem ler nem escrever, porque nunca ali foram, ninguém certamente poderá ser útil.

Teina-se em algumas aldeias da nossa terra em fazer com que a rapariga gaste o menos tempo possível na escola.

Sabemos como muitos párocos e professores lutam pela normalidade destes serviços, mas nem todos os pais colaboram.

Verdade seja dita: neste nosso concelho parece que paramos no que diz respeito à construção de casas de escola. Fez-se ultimamente a de Prado, que saibamos.

Mas freguesias como a Vila, Paderne, Chaviães, e outras, aguardam a sua hora.

Grande foi a época do Sr. Dr. Durães neste capitulo de construção de edifícios escolares. E não há dúvida de que trabalhar pela instrução das crianças é ter a noção de pessoas do século XX.

Não seria também preciso muito dinheiro, talvez nenhum, do Município, digamo-lo sem rodeios.

A união de esforços da Câmara, Juntas, párocos e povo, venceriam todos os obstáculos.

Alvaredo levantou a causa do seu pároco e comprou o passal, sem ajuda do Estado.

A Gave, sôzinha, levanta uma residência para o seu pároco.

Rouças levanta a nova igreja de Santa Rita, sem ajuda oficial, com o auxílio do povo de Melgaço. E, às vezes, com dificuldade de opostas, que bem marcam o selo duma época e dos homens.

Parada do Monte acaba de gastar 20.000\$00 com as

obras da casa paroquial. E Paderne que a todos nos encanta e delicia com as suas grandiosas festas do Rosário, em que se gastam muitos contos, havia de contribuir generosamente para o levantamento das suas escolas.

Não se recusarão as Juntas ao trabalho pelo levantamento desses edifícios, nem o povo. A Câmara, essa, tem todo o interesse naquilo que deve ser uma das suas principais e grandes tarefas.

Os serviços oficiais do Estado deste departamento desejam também colaborar. Mas então que é que nos falta?

A verdade é que há muito tempo se não inauguraram escolas no nosso concelho e isso é muito grave.

II - Lamas de Mouro

Se não estamos mal informados, vai começar em breve o pastoreamento de gados nos Serviços Florestais de Lamas de Mouro, i. é, naquelas áreas em que o arvoredo está mais crescido.

Supomos que a cabra, e muito bem, não poderá ficar ali.

E o povo começa assim
(Continua na 3.ª pág.)

O TEU DEVER

És católico! Tens agora deveres a cumprir.

— Toma a tua bula!

— Faz a tua desobriga, confessando te e comunicando!

— Satisfaz ao teu pároco os seus direitos!

— O clube tem o seu regu-lamento.

Na tua casa, há alguém que manda!

— Na tua Nação, há um Governo que legisla!

— A Igreja tem as suas leis. Vamos, meu Amigo, continua a cumprir.

O sócio que não cumpre pode ser expulso!

O filho, que não obedece, pode ser rebelde.

O cidadão, que não cumpre, poderá ser preso.

A Igreja, a que pertences, tem sanções.

Cumpre!

Ponte da Barca

Tem sido aqui bastantes os lavradores castigados pela maneira como tratam os seus vinhos, acrescentando-lhes misturas, sendo obrigados a esvaziarem as pipas nos caminhos e publicamente.

Achamos bem.

Melgacense, vê se te interessa:

ANGOLA

Inscrição de trabalhadores rurais

A Companhia Africana de Fomento Agrícola e Industrial (C. A. F. A. I.), sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede à Praça da Alegria, 58, 2.º, em Lisboa, vai proceder à inscrição, para os fins convenientes de famílias de camponeses que queiram fixar-se na Província de Angola, onde a C. A. F. A. I. presume vir a facultar-lhes, na devida oportunidade, alojamento, alfaias agrícolas, animais de trabalho e domésticos, sementes e terrenos para cultivo de géneros destinados à alimentação familiar e para comércio, sendo o respectivo pagamento feito em prestações, que irão de 5 a 25 anos, segundo a espécie a amortizar, mas isto sob prévia aprovação de entidades oficiais.

A inscrição, que é absolutamente gratuita, não envolvendo quaisquer compromissos de parte a parte, começa pelas famílias rurais dos distritos de Vila Real, Bragança, Braga, Viana, Porto, Aveiro e Viseu.

Enviem-se prospectos a quem os pedir em simples postal.

POBOS NOSSOS ASSINANTES

O simples aviso de que agradecemos a fineza do pagamento da assinatura sem o envio do recibo do correio deu óptimos resultados.

Já se recolheram muitas centenas de escudos e não são poucos os assinantes que pagam a assinatura anual com vinte escudos.

A prontidão em responder ao nosso apelo, em tão grande número, a elevada percentagem dos que pagam a assinatura a 20\$00, anualmente, é sinal evidente de que o jornal pisa terreno sólido. A todos muito obrigado.

Aos que ainda não pagaram a sua assinatura, pedimos o favor de o fazerem na Residência Paroquial, da Vila de Melgaço, ao Sr. Padre Justino Domingues.

A LAVOURA QUE SE LIXE!

por JOÃO D'ALÉM

O mundo ainda com fome e quer resolver o problema pela carestia da vida. Agora até subiu o sal.

Claro que os encarecedores da vida têm explicações lógicas, ali mesmo à mão de semear.

Nas salinas, como nas minas, subiu a mercadoria. A terra poz-se a gritar: — quero que me dêem mais pelo cobre. E vai daí, como não podiam aturar a voz da terra — subiu o sulfato.

Por sua vez o mar barafustou: ou me pagam mais ou não deito água nas salinas — subiu o sal.

O lavrador, emudecido, não tem outro remédio se não pagar o que lhe exigem.

Tal atitude não tem sequer compreensão, quanto mais gratidão.

Reconhece-se que o lavrador tem por obrigação sustentar o povo e as vozes exaltadas do mar e da terra, traduzidas pelos seus comerciantes.

Os saes subiram. Vivam os saes.

Aos lavradores um dia, quando a sua miséria atingir o auge, esses comerciantes dirão: agora «saes» tu daqui para fora.

E não terão mais remédio que largar o torrão por eles tantos anos grangeado.

Não haverá sapateiro que deite tombas nos sapatos rotos dos lavradores?

Chega a ser incocebível o desinteresse geral pela situação da Lavoura.

Não há índice, nem estatísticas que regulem os preços da produção agrícola. Os géneros tão custosamente cultivados adquirem-se pelo preço que os Grémios de Comerciantes decretam.

O vinho, sendo menos que no ano passado, está a ser e já foi vendido a menor preço.

As batatas foram peças mestras de um jogo de batota.

As hortaliças são o regalo... das hortaliçeiros. As frutas apetecidas são compradas à Lavoura por uma ninharia...

E os saes sobem...

(Continua na 3.ª página)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

DA VILA A NOSSA BANDA

No dia 26 de Maio p. f. faz vinte e cinco anos que a nossa laureada Banda, reorganizada pelo insigne Mestre sr. Manuel Rodrigues de Moraes — esse ornamento glorioso de Melgaço — apareceu a público pela vez primeira.

Recordar o que foi esse magistral concerto, executado na Praça da República, naquela memorável tarde de Maio é reinvocar o espírito e é, por assim dizer, ganhar uma nova alma. Que exuberante alegria e também que justificado entusiasmo reinava entre os numerosos circunstantes!...

Foi um successo, um estrondoso successo!... A gente via e ouvia e apenas acreditava que aqueles bravos e garbosos executantes haviam sido todos nados e criados nesta fidalga terra de Santa Maria!...

Havia lágrimas de comoção nos olhos de... para que nomeá-los se muitos dos que as verteram, felizmente, ainda pertencem ao número dos vivos?... E a caso quem escreve estas linhas não derramou também algumas?... — Sim! E não se envergonha; assim como não se envergonham aqueles, porque os verdadeiros Melgaçoenses, amantes da sua Terra, mesmo tratando-se de corações fortes, não conseguem esconder em seus peitos a comoção que lhes vai na alma sempre que vem subir o bom nome de Melgaço!

Desde então que successo!!!...
Braga!... Caminha!... Ponte do Lima!... Espanha!... etc., etc. Por toda a parte, onde estivesse a nossa Banda, o bom nome de Melgaço era pronunciado por entre turbidos laudatórios. Subia como termómetro ao sol...

Hoje, a nossa Banda está ainda algo longe de ser aquilo que foi nesses aureolados tempos. Não por falta de boa vontade e competência dos seus ilustres regente e componentes; mas — triste é confessá-lo! — pela indiferença de muitos e por culpa de algumas Comissões rurais que para as suas festas só acham boa a prata da casa alheia... Ocorre-nos perguntar: — Acaso a música de Ribadavia é melhor do que foi a nossa Banda? e a de P... que ainda há pouco esteve entre nós; conseguirá alguma vez alcançá-la ao plano em que a nossa já esteve? — Querem parecer bem que não!...

A nossa Banda não é aquilo que já foi porque muitos melgaçoenses (?) o não querem...

Todos aqueles que se servem da prata alheia, repudiando a da nossa casa, cometem duas faltas gravíssimas: — primeira, porque contribuem para obscurecer o bom nome desta linda terra; e, segunda, porque actuam contra a economia local, mandando dinheiro para fora do concelho. Todos os Melgaçoenses de brio, dignos deste nome, julgamos que deviam abster-se, tanto quanto possível, de comparecer a qualquer festa que, sem motivo justificado, se realize com outra música que não seja a nossa Banda.

Concluindo: a nossa gloriosa Banda, em querendo Deus, no referido dia 26 de Maio, vai festejar as suas «Bodas de Prata».

Que lhe vamos oferecer?...

Falecimentos — No pretérito dia 1 do corrente, pelas 15,30 horas, na Quinta da Orada, faleceu o rev. sr. P.e Manuel José Domingues que foi Pároco desta Vila de 1903 a 1917.

Santa Rita, 11

(Continuação da 3.a pág.)

Não houve mais ninguém. Mais 50.000\$00 que nos estão a fazer muita falta. E nós ainda estamos a começar, mas aquilo vai tão lindo!

Lindo e depressa.

Vamos começar o resto. E logo vai subir direita ao Céu a nova torre da nossa igreja.

Estamos a ver realizado o milagre. Sim que a igreja ali é um milagre da nossa querida Santa.

— Breve publicaremos os donativos do desfile de Rouças.

O saudoso extinto que contava 77 annos de idade, pois nasceu em 29 de Janeiro de 1875, no lugar das Coriscadas, da freguesia de Castro Laboreiro, cursou o Seminário de Braga e foi ordenado presbítero a 1 por 1899. Paroquiou a freguesia de Lordelo, Monção, e logo a seguir a de Cubalhão, deste concelho, donde em 1903 passou a (Abade coadjuto desta Vila até 1917. Depois ainda esteve em Gondar, Vila Nova de Cerveira, e, por último, em Remoães. Há mais de 20 annos que não paroquiava; exerceu, contudo, a capellania da Santa Casa da Misericórdia deste concelho.

O seu funeral teve lugar no dia 3, pelas 10 horas, com a presença de 12 sacerdotes, as irmandades da Misericórdia, e Almas da Vila e Chaviães, bem como muito povo de todas as categorias sociais.

No dia 4 teve Missa do 3.º dia na Capela da Orada e no dia 8, às 9 horas, Missa rezada (7.º dia) e às 10 horas exéquias solemnes, promovidas pelo Clero e prestandas pelo rev. Arcipreste concelhão.

A toda a família enlutada, em especial a sua cunhada, sr.a D. Ana Maria Domingues, e a suas sobrinhas, D. Maria de Jesus Domingues, D. Duartina Domingues de Abreu e (dr.a) D. Rosalina Domingues e a seus sobrinhos, srs. António Domingues, prof. Abílio Domingues e dr. José Joaquim de Abreu, apresentamos sentidos pésames.

— Também em 24 do mês findo, faleceu nesta Vila a sr.a Olga Elisa Ferreira, de 43 annos, chorada esposa do nosso estimado amigo sr. Artur Augusto Garcia (Pianho).

A finada era filha da sr.a D. Albertina Augusta Ferreira, e irmã dos nossos prezados amigos srs. Celso; Juvenal, Augusto, Ilisell, e Hilário Ferreira, grande capitalista no Pará, aos quais, bem como a toda a demais família enlutada, apresentamos cartão de condolências.

Mercado semanal — Eis os preços porque foram vendidos certos géneros no mercado de 8 do corrente:

Milho, meio decalitre, 8\$00; centeio, idem, 10\$00; feijão branco, idem, 14\$00; feijão rajado, idem, 10 e 11\$00; batata-semente, alqueire (30 litros — 22 quilos) 30\$00; batata para consumo, quilo, 1\$00; cebolas, idem, à razão de 2\$50; galos, galinhas e frangos a partir de 25, 20 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos, dúzia, 6\$; laranjas, idem, 2 e 2\$50 e nozes, cento, 7\$50. Por \$50 já se comprava uma boa molhada de grelos de nabo ou de couve.

Futebol — No passado domingo, dia 9, realizou-se no campo de jogos do Monte de Prado um desafio amigável entre os grupos «Os Vitoriosos» desta Vila e o «Desportivo de Monção» (reservas), tendo saído vencedor este por 4-2.

Arbitrou o sr. Torquato Domingues, Assistência regular.

O tempo e a agricultura — Não se pode dizer que o tempo tenha decorrido mau, mas se chovesse... poderíamos embandeirar em arco; já para os campos, que bem precisam, já para o rio Minho, cujo caudal não mo. lha a maioria das pesqueiras.

— Vem-se intensificando a plantação da batata, para o que o tempo tem decorrido realmente favorável.

Parada do Monte, 7

No dia 25 próximo findo realizou-se o enlace matrimonial do sr. Abílio Domingues, do lugar da Trigreira. No fim do acto religioso foi servido aos numerosos convidados um lauto banquete onde se encontravam como hóspedes de honra o Sr. P.e Justino Domingues, e P.e António Domingues, respectivamente, pároco da Vila de Melgaço e pároco de Parada do Monte. Aos noivos que são dotados de primorosos dotes físicos e morais, desejamos lhes uma perene lua de mel.

Incêndio — No dia 28 de Fevereiro próximo findo manifestou-se violento incêndio em duas casas na veranda do Pitouro, que as devorou completamente. Atribue-se o fogo a cinza de cigarro, ou a um fósforo aceso que jogassem para o chão.

Pois das duas casas que eram respectivamente do Sr. Germano Rodrigues e do Sr. Justino Vieites, só ficaram as paredes. Não estavam no seguro.

A Companhia de Seguros «Tagus», faz seguros contra incêndio, Accidentes Automóveis e de Vida.

Por uma pequena importância pode estar coberto contra qualquer risco.

Procure hoje mesmo o seu agente em Melgaço, Francisco de Sousa Cardoso.

— No dia 25 de Fevereiro próximo findo foi enriquecido com um robusto menino o lar do Sr. Manuel Rodrigues e de sua esposa Maria Rosa de Barros.

— Anda-se com muita azáfama a fazer latadas, e atar as videiras, estando quase concluídas as atadas.

— Tem-se feito sentir a grande estiagem. Não há ervas nem águas para regar.

— Já nos visitaram as primeiras andorinhas mensageiras da Primavera. Sejam bem vindas, pois, as andorinhas.—C.

A LAVOURA QUE SE LIXE!

(Continuação da 1.ª página)

Estâncias oficiais explicam tim-tim por tim-tim, que a subida é lógica pelos preços do cobre nas minas de Angola e de Moçambique.

Os Grémios da Lavoura calam-se e não explicam que o amanho das terras, as negações do tempo, a necessidade de mão de obra e o direito à vida, exigem também maior preço para a produção agrícola.

E-a viver nisto a Lavoura rola de escantilhão para a vau da miséria.

O sulfato inglês, esteve a vender-se por 8 escudos e pico. Acabou-se. Não vem mais porque prejudica o sulfato nacional de cobre argentino!...

Se a gente abre os olhos, espantosamente negando aceitação às razões explicativas, chove-nos um mar de impropérios:

— não sabemos nada de clearings, de balanças comerciais, de mecânica de permutas, de área de moedas, etc. etc.

Atarantados respondemos:

— Ai sim! etq é isso!

E pagamos, ficando ainda agradecidos.

Não me custa nada acreditar na sinceridade de um comunicado assim:

«A LAVOURA AGRADECIDA AOS INDUSTRIAIS E COMERCIANTES QUE VENDERAM SULFATO À 12 ESCUDOS O QUILO, VEM PÚBLICAMENTE AGRADECER O SACRIFÍCIO DESSES SENHORES QUE DEVIAM E PODIAM VENDÊ-LO A VINTE E NÃO QUIZERAM».

Isto porque, no dizer das notas explicativas, em Angola ele custa vinte e tal paus e na Argentina passa dos trinta e cinco.

Começa a Lavoura a dar-se conta do peso destas realidades?

Parece que sim. Nas Jornadas Agrícolas do Outono passado foram postos muitos problemas.

O mais grave foi o da batata.

Prometeram mundos e fundos no início das sementeiras. Até se publicaram os preços oficiais desse indispensável tubérculo.

A Lavoura confiou.

Depois veio a geringonça das guias. Impeçilo que fez apodrecer milhões de quilos e levou os lavradores a oferecerem batata a cinco tostões. Mesmo assim os negociantes regateavam—que lhes custava muito arranjar as guias.

Este ano haverá muita sementeira?

Desconfio que não.

Com o exemplo do ano findo e o sulfato ao preço que está, palpita-me que a Lavoura, esfregando as mãos, há-de dizer quando a procurarem:

— Querês batatas?!... Pois vai tu plantá-las. As que tenho mal chegam para meu consumo...

Neste altura entra a polícia—e a batata há-de ficar à disposição dos comerciantes para o abastecimento das cidades e ao preço de tabela a estabelecer.

A Lavoura que se lixe.

Do «Diário do Minho»

ROUÇAS, 10

Baptismos—Foram baptizados no dia 27 de Fevereiro, Rosa do Rosário Gonçalves, do Sobral, filha de António Gonçalves e de Maria Marques; e no dia 9 de Março, José Policarpo de Freitas, filho de José Arnaldo de Freitas e de Isaura da Cruz Lourenço.

Foram padrinhos os srs. Aprígio Abreu Cerqueira, considerado comerciante da nossa praça e sua

gentil esposa, D. Maria Guilse de Sousa.

— Vindo do Algarve, encontra-se em Rouças, a descansar, Manuel Fernandes, de Corçães, que até agora frequentou a escola de Milicianos duma cidade daquela provincia.

— Foi ao Porto, o nosso rev. pároco.

— Já vimos a pé o nosso amigo sr. Lino Fernandes. Folgamos.

— Foi muito concorrido o confesso do dia 6.

PADERNE, 10

Caamentos—No dia 17 do passado mês, realizou-se o da menina Maria do Céu Traçoso, do lugar dos Moinhos, com o Sr. Adriano Martins, da Póvoa de Lanhoso.

—No dia 6 deste mês o da menina Palmira Caldas, do lugar do Barral com o comerciante da praça de Lisboa, Sr. Salvador Alves. Finda a cerimónia religiosa, foram oferecidos em casa dos pais das noivas finos e abundantes almoços. Aos noivos, que são dotados de sentimentos nobres desejamos uma lua de mel feliz e uns lares prósperos.

Desastres—No dia 17 do mês passado, quando pelas 19 horas se dirigia de Paderne para Póvoa de Lanhoso, a caminheta de carga pertencente ao sr. António de Oliveira, construtor civil naquela Vila, antes de chegar à Ponte do Peso, talvez por descuido do chauffeur, foi embater com as trazeiras da carroceria arrancando alguns postes. Por sorte que não houve desastres pessoais.

—No dia 4 deste mês, quando o sr. Manuel Lourenço, do lugar da Aldeia, ia desencavar um tiro de pedra, este rebentou, tendo lhe parte da carga da pólvora esfacelado uma mão, e feito mais escoriação s pelo corpo, principalmente na vista. Conduzido ao nosso Hospital onde foi tratado, recusou se a ficar internado.

Delivrance—Deu à luz um interessante miúdo a Sr.ª Madalena Novas Pereira, do lugar dos Moinhos, esposa amantíssima do nosso velho amigo, Manuel Pereira, G. F. em serviço na Vila de Melgaço e a quem lhe enviamos parabéns.

Os nossos caminhos—Foi dada pela Câmara uma pequena verba para reparação de alguns caminhos desta freguesia. Agradecemos, pois alguns estão bem mal.

Festa em honra de N.ª S.ª do Rosário—A comissão desta festa, composta pelos hoteleiros do Peso, Sr. José do Val—Golfães e nosso particular amigo Zé Augusto—tem dado as suas voltas para angariar esmolas para se fazer uma festa a imitar a do ano passado. Vamos ver o bairro dos Padernenses onde chega.

Faz anos—No dia 8 a menina Ana da Fátima Fernandes Pereira, dos Moinhos.

Também faz anos no dia 19 a menina Alzira Es

POR MELGAÇO

a ver a utilidade dos Servíços.

Estradas, telefones, o pastoreamento de gados, onde as árvores, por terem já atingido a altura suficiente o permitem, o trabalho, por vezes a bastantes centenas de lavradores, simultaneamente em épocas de crise, a abundância de lenhas, que aí vem, o corte de matos que pode abastecer grandes áreas do concelho, mediante uma licença gratuita, são vantagens enormes.

A volta de gados ao apascentamento daquelas áreas é medida que muito vai beneficiar os povos da terra.

Aplaudimos.

III-30 ojo das exportações

Jornal que vive num meio agrário, e que deseja servir com todos os meios, de que pode dispor, «A Voz de Melgaço», une-se respetivamente àqueles que neste momento se dirigem ao Governo pedindo se modifique, ou, pelo menos, se adie, a execução do decreto que atribue 30 por cento do valor das exportações ao Estado.

Bem entendido, que estes depósitos no Banco de Portugal, do valor das exportações são depois restituídos aos seus legítimos senhores.

Depois de que espaço de tempo, não sabemos.

O nosso Alto Minho, tem como receita certa a venda duns toros de madeira, sobretudo de pinheiro.

Já aqui chamamos a atenção para o desbaste em cheio das nossas árvores.

Quantas centenas de vezes as camionetas de carga não desceram já dos nossos montes a caminho das fábricas, levando a nossa riqueza florestal.

E o que é grave é que em geral se corta e se não planta, nem semeia, o que aliás era bem fácil e económico.

Mas a verdade é que a venda dum pinheiro, duma árvore, às vezes é uma necessidade.

Deita-se-lhe a mão para pagar uma décima, um fato, a mercearia.

E esta medida vem parar com a venda desses auxiliares agrícolas. E vamos perder mercados, de que precisamos. Nós vivemos numa região de terras muito divididas e que em geral, não nos dão o bastante, o possível até, para uma existência desafogada.

teves Fernandes Pereira, do mesmo lugar.

Que esta data se repita por muitos anos são os nossos votos.—C.

Vivemos da emigração, de o nosso trabalho. Quem sabe se muitos do contra bando!

Sabemos que a hora dos orçamentos de guerra é difícil, mas acreditamos no génio e na boa vontade dos homens.

O Grémio da Lavoura e a Câmara não deixarão de tomar as suas medidas, a bem do Povo.

P. S.—Já depois de escrito este solto, vemos pela imprensa diária que o Governo, esclareceu o país, sossegando o, e prometendo fazer justiça.

IV—Junta Autónoma

Esteve entre nós, visitando, em missão de estudo, algumas freguesias do concelho um Agente Técnico da Junta Autónoma das Estradas, para traçado de novas estradas.

Pená foi que o Sr. Presidente da Câmara, por se encontrar ausente em serviço oficial, ou o Sr. Vice Presidente, que tem de leccionar diariamente, não pudesse acompanhar a quem lhe é digno funcionário.

Não sabemos se será sempre assim, mas a verdade é que impressiona bem ver as autoridades concelhias e seus vereadores e respectivos acompanharem os Srs. Funcionários que nos visitam para nosso interesse. O contrário poderia colocar nos mal a todos.

(Continuaremos)

S.ª Rita, 11

Mais donativos

De uma generosa anónima, de Paderne, a quem já muito devemos, com promessa de mais, 100\$00.

— De um rapaz pobre com família e desempregado dos Lourenços, 5\$00.

— Do nosso amigo, António Marques, do Sobral, e considerado comerciante nas Minas da Panasqueira, 100\$00, com a promessa de que breve ali iniciaria um grande peditério entre os seus amigos para a nova igreja. Nós contamos com alguns «quilos». E eles cá há-de vir.

— Também sabemos dum amigo e distinto funcionário que está para nos entregar a lotaria: uns 600\$00.

— Sabemos que em Prado há uma oferta de 300 flores.

E a igreja vai. Vê lá se te explicas, meu amigo. Agora é que fazes falta.

—No dia 9, Mestre João apresentou o orçamento.

(Continua na 2.ª pág.)

Efemérides

Em 18 de Março de 1805, no vetusto convento de Paderne, foi celebrado o casamento do capitão-mor João António de Abreu Cunha Araújo, filho do dr. João Manuel Gomes d. Abreu Cunha Araújo, da casa do Rio do Porto, com D. Maria Luiza dos Reis, de Golães, da referida freguesia de Paderne.

Em 19 de Março de 1750, faleceu em Crisóval o abade desta freguesia, rev. Manuel José Gonçalves.

Em 20 de Março de 1723, por escritura, lavrada na nota do tabelião Manuel Pinheiro Figueira, António da Rosa Falcão e sua mulher, D. Maria Antónia de Castro, contraíram um empréstimo de 25.000 reis à Confraria do SS. Sacramento da Vila, pelo qual ficavam a pagar o juro anual de 1.562 reis e meio. Deram por fiador Manuel Mendes, viúvo.

Em 24 de Março de 1913 finou-se na Vila o farmacêutico José Augusto Pires, proprietário da farmácia do mesmo nome. Foi vitimado pela diabetes.

Em 27 de Março de 1917, com 87 anos, faleceu o «morgado» do Reguengo, José de Sá Souto Maior, que por sinal não era morgado nem do Reguengo,

embora descendente directo dos titulares desta antiga casa. Nasceu em Paredes de Coura, onde tinha muitos sobrinhos, aos quais nada deixou por se não dar com eles. Exerceu os cargos de vereador e presidente do nosso Município, morreu solteiro e viuve quase miseravelmente, apesar da sua avultada fortuna. O seu testamento foi, por assim dizer, um autêntico desmanchar de feira. Diz-se até que quando o notário estava a lavrá-lo o dito «morgado» já havia dado o salto definitivo, isto é: ticha ido... *ad patres*. Também se diz que nessa ocasião um dos aspirantes a testamenteiro tinha um comparsa, à laia de ponto teatral, sob o leito do testador e perguntava: — Senhor Morgado, deixa o campo de tal a Fulano?...

—!..
— Diga que sim, diga que sim, «se» Morgado não!..

Então o tal «ponto», abanava a cabeça do «fina do», em sinal afirmativo e logo o «aspirante», se voltava para o notário dizendo: — Escava, escreva, «se», dr., que o «se», Morgado diz que sim!

E o «se», Doutor... escrevia..

Isto, claro, é o que se diz e como *vox populi, vox Dei* — que muitas vezes também é a voz do diabo — pode muito bem ser que assim tenha sido. Contudo, *se non è vero è bene trovato*.

Em 28 de Março de

SOCIEDADE

Antversários

Fazem anos: — Amanhã o sr. Alfredo dos Ramos Ribeiro; no dia 18 o sr. António Pedroso de Lima; no dia 19 a menina Alzira Esteves F. Pereira; no dia 22 o sr. Fernando de Melo Araújo; no dia 23 a sr.^a D. Rufina Pinto; no dia 25 a

1724, morreu em Braga o rev. José Leite, natural desta Vila.

Em 29 de Março de 1903, em Lamas de Mourão, deu-se um tremendo conflito entre algumas praças da Guarda Fiscal e um bando de contrabandistas daquela localidade, tendo resultado da refrega vários feridos de parte a parte. Ao fim e ao cabo o contrabando sempre foi apreendido.

E em 31 de Março de 1915, realizou-se na igreja de Chaviães o casamento do meu saudoso professor, Sr. Rodolfo Augusto Esteves, de Paços, com a virtuosíssima Srna. D. Ana Cândida de Magalhães Rodrigues, da casa da Tapada, daquela freguesia.

Ail com que saudades eu recordo o meu boadoso Professor!..

Que Deus o tenha em sua santa Glória!

Mário

PRADO, 10

Notas a esmo

A minha última correspondência, por lapso, saiu datada de 10 em vez de 25.

— Em 1 do corrente, faleceu no lugar da Igreja, freguesia de Remoães, a sr.^a Emilia Ribeiro, mãe do Vicente, probo e conhecido industrial de sapataria.

menina Clarisse do Céu Fernandes; no dia 26 a sr.^a D. Corina Gonçalves Merim e no dia 27 a sr.^a D. Maria da Conceição Alves Afonso e o sr. Maximiano Alves.

Casamento

No passado dia 2, realizou-se na Matriz desta Vila o enlace matrimonial da sr.^a D. Perpétua da Purificação Ferreira, de Remoães com o sr. Alfredo Lourenço do Paço, filho do nosso estimado amigo sr. António do Paço (Ferrador).

Paraninfaram o acto a menina Maria Noémia do Paço e o sr. António do Paço o Júnior, irmãos do noivo.

Ao novo casal cristão, desejamos um lar muito venturoso e as felicidades de que são dignos.

Dr. Rocha e Sá

Vimos nesta Vila, acompanhado de sua estremeçada esposa e gentil filhinha, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Cândido da Rocha e Sá, meretíssimo delegado de saúde em Viana do Castelo.

Francisco Lara

Vindo da Africa Portuguesa, acompanhado de sua dedicada esposa e filhos, encontra-se entre nós o nosso estimado amigo sr. Francisco Lara (Chico), zeleso marinheiro da Armada. Boas vindas.

Paz à sua alma.
— Já vão melhor dos seus padecimentos, com o que muito me congratulo, os nossos prezados amigos srs. José Maria Pereira e José Eugénio Gonçalves Pereira.

— Vindo de Viana, para onde já retirou, esteve entre nós o sr. Manuel Faus-tino.

— Também, vinda de Lisboa, está aqui a jovem Maria Selgado (Baptista).

— Foram recenseados por esta freguesia, devendo ser incorporados no próximo dia 29 do corrente os seguintes mancebos:

António Luiz Afonso, José Alípio Gonçalves, Luiz Cândido Domingues e Manuel Bernardo de Araújo, todos destinados ao B. C. n.º 9 — Viana do Castelo; Edmundo Joaquim Vaz e João Pereira Júnior, ambos destinados ao Batalhão de Engenheiros—Amadora, e Manuel da Cruz Rodrigues, este destinado ao R. A. L. 5 — Viana do Castelo.

Manuel José Barreto foi destinado a O. T., pelo que não está de parabens, pois terá de pagar 8 anos de taxa militar, a partir do próximo ano; do que, estou mais que certo, ele não tem quaisquer culpabilidades..

— Vitimada por uma pleuresia, faleceu ontem no Hospital da Misericórdia a menina Maria Helena Gomes de Sousa, de 18 anos de idade, chorada filha do meu velho amigo sr. José Gomes de Sousa (Relojeiro). O seu funeral deve realizar-se hoje, pelas 17 horas, para esta freguesia.

A toda a família enlutada, em especial aos seus inconsoláveis pais, apresento sentidos pésames. — C.

Eu disse que essa personagem odiosa me não era desconhecida; que várias pessoas velhas me tinham contado proezas do aventureiro e que até, inclusivamente, já me fora dado admirar uma antiga espingarda, que se diz ter lhe pertencido. Esta revelação causou-lhe certa estranheza. Mas a viagem prosseguiu. Nessa associação de ideias, outros casos vieram à baila, embora célebres nos anais do crime. Contudo o meu pensamento continuava preso a esse malfetor dos princípios do século passado, rememorando uma acção, um gesto seu, que, em certo ponto, o nobilita. Não a julgo impossível. Todo o homem, por muito que tenha descido na escala dos sentimentos, guarda sempre, ciosamente, pelo menos, uma virude, numa vã tentativa, de se reabili-

Março, 15

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO»

N.º 3

NOBREZA DE BANDOLEIRO

tar aos olhos dos outros. Somerset Maugham fala nos duma espécie de seres que, embora no último degrau do crime ou do vício, se mostram, apesar disso, escrupulosos, conscienciosos na prática de certas acções: assassinos que dariam a vida, para defender outra que lhes fosse confiada; ladrões que, de vergonha, corariam se tocassem no que foi entre que, à sua guarda; embusteiros, vigaristas de toda a espécie que são incapazes de faltar à palavra dada.

Tomás das Quingostas pertencia, a este género de indesejáveis. É possível que a lenda, como em

todos os casos históricos, pouco precisos, se encarregasse de rodear o feroz bandoleiro de uma aureola de nobreza e de bondade, que não mereça. Mas existe, sem dúvida, alguma coisa que a motivou, porque há sempre um fundo de verdade em todas as lendas.

Conta-lhe, pois, conforme a oul da boca de um velho campónio de Fiães, terra por onde o celebrado malfetor andou fazendo das suas. Não importa muito o local exacto, nem o rigor de circunstâncias várias. O que importa é a realidade do acto.

Aconteceu deste modo:

Era ao anoitecer dum dia de Setembro.

No firmamento acendiam-se as primeiras luzes e as sombras começavam a envolver num manto negro os povoados e as herdades, os montes e os vales. Tomás Joaquim Codeço, o Tomás das Quingostas, subia apressado, com outro companheiro, a encosta do monte de Fiães, deixando para traz os últimos lugarejos de Roussas. Ele corria a coitar-se em casa de amigo fiel, pois que não faltavam amigos a este homem: uns por cobardia, por medo, outros por verem nele como um justiceiro que, a seu talante, se propunha

endireitar muita coisa torta. Tinha descido até Melgaço, para sondar a situação. Havia muito que as autoridades planeavam a sua captura. Ordens rigorosas haviam sido transmitidas a todos os regedores para prenderem o bandido, ou darem indicações precisas do seu paradeiro. As diligências, porém, não tinham dado os resultados previstos, em parte, devido aos muitos amigos e simpatizantes que tinha, em parte, devido ao receio que inspirava.

Seguiam, pois, os dois, monte acima, muito silenciosos, quando, de traz dum velho muro de herdade, uma voz se ouviu chamar, meio abafada: «Senhor Tomás!, Senhor Tomás!»

(CONTINUA)

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, Interina: Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO VI

MELGAÇO, 1 de Março de 1952

AVISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 18

CASTRO LABORFIRO

progride, pelo esforço do seu pároco e a compreensão do seu povo.

LENDO as correspondências das Aldeias no presente número, do nosso jornal, deparamos logo com duas realidades:

1.ª) a vila de Castro bebe água potável.
2.ª) o povo de Castro Laborfiro está servido com uma camioneta de passageiros.
Com respeito á carreira de camioneta há reclamações que se fazem.

Concordamos com as reclamações e compreendemos que a empresa exploradora da carreira comece devagar, para agir com segurança.

O povo de Castro e todo o povo de Melgaço sabe que Artur Teixeira nunca falta. E, porque nunca falta, as aspirações do povo da serra serão atendidas.

Confitemos nele e a seu tempo tudo se obterá.

Continua desta forma Castro Laborfiro a desenrolar-se e devemos ao Sr. Padre Aníbal e ao bom povo de Castro o terem proporcionado a quem visita Castro um certo número de vantagens que, a não existirem como não existiam até há pouco, collocavam mal a nossa terra ante o visitante.

A estrada facilitou o acesso à Vila de Castro Laborfiro e, além das exigências do próprio habitante, que devem anteceder as dos demais, o facto de a estrada nos por em contacto com o mundo obriga a um mínimo de exigências.

Somos do tempo em que os que aportavam a Castro batiam logo á porta do Sr. Abade, do Sr. Carabel ou da própria Guarda Fiscal.

Não havia onde pernoitar.

A "Ti Ana Maxeta" dentro das possibilidades

(Continua na 3.ª pág.)

Em vésperas das eleições da União Nacional

Vão realizar-se as eleições da U. N. e a propósito não será descabido recordar as seguintes palavras do catedrático Antunes Varela na sessão de encerramento do III Congresso da U. N. em Coimbra:

"Posta a questão da eficiência da União Nacional como organismo político do Estado Novo, o Congresso reconheceu francamente que o papel desempenhado por essa organização tem ficado, sob vários aspectos, bastante aquém do que seria legítimo desejar. A União Nacional lastimase de que as autoridades administrativas quase desconhecem, em períodos de normalidade, a existência da instituição, para apenas reclamarem a sua colaboração nos momentos críticos da propaganda eleitoral; por seu turno, a União Nacional foi acusada de não saber atrair a juventude, por deficiências várias do seu funcionamento.

Ora abstraído mesmo dos exageros devidos a excessivas ambições de influência pessoal ou á rotina de velhos processos que o tempo não conseguiu apagar de todo entre nós, e descontando também as

POR MELGAÇO! ECOS

e comentários Bispo do Porto

I -- S. Gregório e Peso
Fala-se novamente na abertura da ponte de S. Gregório.

Será desta vez? — Oxalá que sim.

Não compreendemos como é que Monsão, sem ponte e sem uma alfândega da categoria da nossa já tem há tanto tempo essa regalia de, mediante o passaporte, ver passar por ali os que se dirigem ao estrangeiro, e nós, em melhor posição, sem ela.

Mas não esqueçamos o Peso.

Pela proximidade de Arbo, onde param todos ou quase todos os comboios da linha de Vigo a Monforte: porque ali afluem, no verão, para tratamento, repouso ou visita, muitas centenas de pessoas, porque uma estrada nos leva até mesmo ao rio Minho, oferecendo-nos todas as comodidades de transporte.

O Peso não deve ser esquecido.

Para mais, também ali ha um posto da Policia Internacional e não nos falta já certamente o apoio do seu muito digno Chefe.

II -- Alturas da Peneda

Se não estamos mal informados, vai terminar em

intransigências provenientes da mutua incompreensão de certas correntes de opinião formadas dentro do organismo, o Congresso não pôde deixar de reconhecer o fundamento que de um modo geral revestem algumas das críticas formuladas pela opinião publica sobre a eficiência da União Nacional.

Mas havemos de reconhecer que as instituições, tais como as pessoas, gozam no geral, entre os seus pares, da audiência e do prestígio correspondente aos seus méritos reais. E a União Nacional não tem sabido valorizar até agora os seus quadros de molde a esperar das autoridades administrativas a consideração que entende ter just

breve a concessão que a Junta da Colonização Inter na fez ao sr. Vasconcelos nas alturas da serra da Peneda, para a produção da batata.

Como o ficarão depois aqueles montes, que nos pertencem? — A que regime vão passar?

Não sabemos se a crise por que passa no país este precioso tubérculo animará demasiado a grandes empreendimentos.

Nós, não estivemos sempre com o Sr. Industrial, que ali veio auferir, supomos, boas somas de capital.

Mas veio dar-nos além da estrada, e do mais, uma preciosa lição: — o que a técnica, o capital e o trabalho arrancaram daqueles montes!

Estudemos esse problema. E delicado e intrincado, concordamos. Mas trata-se em grande parte de montes que nos pertencem.

Não seria a altura de cada fogo das freguesias proprietárias (?) ter lá a sua gleba, para cultivo de batata?

Não faltaria a técnica a ajudar. Nem, assim, era preciso muito capital

— Boa vontade união e um punhado de homens, isso sim, que era preciso. Não era preciso mais!

III -- Junta de Colonização Interna

Nós não estamos a aproveitar suficientemente aquilo que os vários serviços do Estado nos podem dar. E é pena.

Junta Autónoma das Estradas, Serviços Florestais, Junta de Colonização Interna, Commissariado do Desemprego...

Dizemos às vezes que o Município não tem dinheiro.

Para muitas coisas não era preciso dinheiro do Município.

Queríamos, sim, homens, da envergadura e estatura dum Hermenegildo Sulheiro. Não era preciso mais.

(Continua na 3.ª pág.)

Está de luto a gloriosa diocese do Porto, pela morte do seu ilustre e bondosíssimo Bispo.

Foi, na verdade, um grande, na sua encantadora humildade, Grande, na virtude grande, nas ciências divina e humana, grande de no zelo e, porventura maior, na sua atroz doença.

As últimas palavras que lhe saíram dos seus lábios, foram: — *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!*

Nelas encontramos o norte da sua vida: dar glória a Deus. Não esqueçamos a sua magestosa presença no Congresso Eucarístico de Melgaço, Acompanhhou-nos sempre com todo o carinho.

E no Peso, no seu brinde, afirmou: — que se viesse a aprender muito a Melgaço.

Na verdade, o ano que findou foi na diocese do Porto, o ano dos congressos regionais.

E lá estava Ele presente em todos. Meses antes de falecer, sabendo que a sua vida tocara o fim, pediu a um sacerdote que lhe desse a extrema unção e preparou-se para a grande viagem, como um homem que parte a dar contas ao seu juiz, da sua vida.

Confessou-se e comunicou, mais uma vez. Como Padre e como Bispo, teve de enfrentar altos vagalhões de tempestade desfeita: — o colapso de 1910 e seguintes.

Sereno, firme, bondoso e humilde, sábio e prudente, foi um grande Padre e um grande Bispo.

Rezemos pela sua Alma.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

DA VILA

Cheinha de ozar...

Imperfeita dos Diabos... perdão, Perfeita dos Anjos Gomes, que pelo nome não peca, solteira, serviçal, de 18 anos, natural da freguesia da Gaveira, do vizinho concelho dos Arcos de Valdevez, é uma mocetona que, se não se emendar a tempo e horas, lhe está reservado um lugar de primeira plana nos anais do crime. E assim estando a servir em Castro Laboreiro e entendendo que a sua pessoa (dela) estava predestinada para... largos voos resolveu «voar». Como, porém, para voar é preciso ter asas e para ter estas é preciso ter dinheiro, para conseguir-lo não achou outro expediente que o de locupletar-se com 1.500\$00 que furtou à mãe da sua patroa, sr.a Ana Toja, da referida freguesia de Castro. Com estas «asas» e já de rumo a esta Vila e daqui caras a Monção, onde tomou o combóio. Mas como, pelos vistos, era a primeira vez que viajava neste meio de locomoção, cometeu a imprudência de subir com o pé esquerdo e ao chegar à estação de S. Bento, da cidade do Porto, foram-lhe dadas as boas-vindas por um civico que a recolheu nas prisões privativas da P. S. P.

E' o que em bom vernáculo se chama ter andado cheinha de azar... Bem feito!

Porque seria?... — Vimos nos jornais diários a ampla lista de subsídios concedidos pelo Fundo de Socorro Social a várias instituições de assistência. No nosso distrito foram contemplados: — o Albergue Distrital de Mendicidade com 36 contos; Comissões Municipais de Assistência: dos Arcos de Valdevez, 9 contos; de Caminha, 6 contos; de Monção, 6 contos; de Ponte da Barca, 3 contos; de Ponte do Lima, 6 contos; de Valença, 6 contos; de Viana, 36 contos; de Vila Nova de Cerveira, 3 contos; Sopa dos Pobres de Ponte da Barca, 4 contos; Sopa dos Pobres das freguesias de Capareiros — Viana — 4 contos e Misericórdia de Vila Nova de Cerveira, para a Sopa dos Pobres, 4 contos. Melgaço, se bem que seja uma das terras onde há mais necessitados e concorra para o referido Fundo com as percentagens nos bilhetes de espectáculos aqui realizados, nas caixas de fósforos, etc., etc., não conta na referida lista. Porque seria?...

O. V. S. — Além do peditário aqui effectuado em beneficio da O.V.S. que noticiamos em a nossa penúltima crónica, realizaram-se mais dois com o mesmo fim, um ordinário e outro extraordinário. O primeiro rendeu 101\$20 e o segundo 145\$00. Bem haja!

Obito — Por notícias recebidas, sabemos ter sido encontrada morta atrás duma porta em Lisboa, Vinezza Rodrigues, desta Vila. A finada gozava aqui de geral estima. Sentimos.

Garrotinho — Dizem-nos que tem havido vários casos de garrotinho no concelho; de um temos conhecimento. O que, porém, podemos afirmar é que centenas de crianças das várias freguesias formam bicha no Hospital da Misericórdia, para aí receberem a competente vacina que lhes é ministrada gratuitamente.

Salmões — tem aparecido bastantes salmões nas redes dos nossos pescadores... — isto rezava o número 239 do «Correio de Melgaço» de 4 de Março de 1917. Há, portanto, 35 anos. Bons tempos!...

E dizemos bons tempos porque este ano salmões e lampreias... de grilo; ainda lhes não puzemos a vista em cima.

Desastre de viação — A propósito da noticia que com esta epigrafe demos no último número, escreve-nos uma carta, muito delicada, o sinistrado sr. Henrique Alberto Gomes, esclarecendo-nos de que não foi ele quem foi contra a caminheta do sr. Albano, mas, sim, esta contra ele. Tanto melhor; pois, assim, poderá pedir contas ao

S.ta Rita, 27 S. PAIO, 20

Realizou-se ontem o cortejo de oferendas da freguesia a S.ta Rita. Renheu cerca de 10.000\$00. Todos os lugares estiveram presentes, menos Bilhães e Freira, por causa do falecimento duma vizinha. Foi uma tarde lindíssima. Havia alegria em todos os corações e todos diziam: — pois voltaremos brevemente.

O nosso rev. o párcço avisou já os mestres de obras para no prazo de 15 dias, darem os seus orçamentos. E' a última fase.

Quando é que tu te explicas, meu Amigo? — C.

MANUEL ANSELMO
ADVOGADO
Monção

causador do desastre. E bom seria para o mesmo aprender o Código da Estrada.

Posto isto, agradecemos a forma correcta e delicada como o sr. Gomes nos dirigiu o seu justo reparo, apresentamos todas as desculpas por, involuntariamente, termos faltado à verdade e, já agora, aconselhámo-lo a que também mande rectificar a noticia que «O Comércio do Porto» deu sobre o mesmo desastre, que está tal como a nossa, e foi esta que nos fez errar...

O tempo e a agricultura — Embora agora parem sobre nós cumulos ameaçadores, tem decorrido um tempo magnífico.

— Tem-se plantado muita batata e as vinhas só as dos cem por cento desmazelados é que ainda se encontram por podar ou atar.

— Aos interessados, lembramos que é agora uma ótima ocasião para se semear: — Abóbaras (*), acelgas, agriões, aipo, alfaces, alho-porro, beringelas, beterraba (todas), cenouras, coentros, couves diversas (incluindo couve-flor), ervilhas, espinafres (todos), feijões (*), pimentos (*), rabanetes, salsa e tomates.

Nas terras de sequeiro já se podem iniciar as sementeiras de milho.

— Ultimam-se as podas e continuam as enxertias e fimeza das árvores frutíferas.

— Começa a cava das vinhas e transfegam-se os vinhos.

— Quem ainda o não fez deve vacinar as ovelhas, cabras, bovídeos e solípedes, contra o carbúculo (báceira) e os porcos contra as doenças rubras.

— E não se esqueçam de desinfectar as poçilgas e capoeiras dealbando-as bem por dentro com leite de cal.

Sol de Março...
queima a dama no paço.

(*) Em meados do mês em diante.

Cristóval, 19

Faleceram os srs. José Gonçalves, da Barata, e Ana Rodrigues, da Granja.

Os extintos, que eram muito estimados, tiveram uns funerais muito concorridos. Paz à sua alma.

— Regressou dos Hospitais de Coimbra, onde tinha ido tratar-se, o sr. Manuel Rodrigues, comerciante na Carpinteira.

— Já vai muito melhor o sr. António Carpinteiro, guarda florestal, da Rasa. Estimamos o seu restabelecimento.

— Os trabalhos de abastecimento de água às Cavenças vão indo para o fim.

— Os trabalhos da poda da vinha vão se aproximando do resto. As atadas já começaram.

— Esta agora é para terminar e esclarecer as coisas que se passam:

«Nos termos do n.º 4.º do artigo 173.º do decreto-lei n.º 27.207, declarase que são considerados reserva definitiva da Junta de Colonização Interna os seguintes baldios:

... Todos os das freguesias de Paderne, S. Paio e Rouças... — C.

Falecimentos — Faleceu no lugar da Marga o nosso estimado amigo sr. José Luiz Esteves com a idade de 73 anos. Toda a freguesia lhe devia favores por ser muito prestável e atencioso.

Damos os pêsames à família.

— Também faleceu no lugar dos Casais, Maria Mendes, com 80 anos. Fez-lhe Deus favores que já se encontrava entevada há bastantes anos.

Damos os pêsames à família.

— Depois de ser atacada por um ataque de menenite faleceu também uma menina de 4 meses de idade, que era filha do Sr. Fernando Gomes e Rosa Pires comerciantes em S. Gregório.

Apresentamos nossos pêsames.

Casamentos — Vai-se dar o enlace de António Augusto Nunes com a menina Ilda de Amorim.

Apresentamos nossos parabéns.

S. Gregório progride — Já cá se encontra uma repartição pública que é a secção. Mais uma sujeição para os contrabandistas.

Também vamos ter mais um café. S. Gregório com o tempo é uma Vila melhor que Melgaço.

Festas — Cristóval vai ter uma festa de S.to António como nunca teve.

Dois bandas de Música disputarão seus trechos: a de Ribadavia e a Popular de Riba de Mouro, e Altos falantes.

É em 14 e 15 de Junho.

Haverá imponente procissão. Pede-se a todo o povo desta freguesia que ajude: pois precisamos de muito dinheiro.

Doenças — Depois de ter feito uma operação já se encontra melhor o filho muito querido do Sr. Abílio do Outeiro.

Desejamos as melhoras. — C.

PRADO, 10

Sável à "Ego", -- Outros notícias

Aproxima-se a Prima vera e com ela os sáveis que gordos, isolados ou em cardumes, hão de subir o nosso rio em demanda de frígido remanso para afazerem a sua desova. Ora, porque mais vale prevenir do que remediar, e até porque aqueles saborosos clúpeos naturalmente trarão certo receio, aliás justificado, de que os espere o estafado n'olho de escabeche para nele, só nele, se rem acomodados, ofereço, pois, aos meus amigos -- aos meus amigos e mesmo aos meus inimigos, se me é permitido tê-los -- uma receita para lhes prestarem as devidas honras protocolares. E' como se gue:

Sável à "Ego" -- (Receita para dez postas) -- Escamar, limpar, cortar, salgar e grelhar o sável em brazido esperto de genuíno carvão "torgainhos", segundo o ritual e praxe do costume. Entretanto, por um tacho ao lume com quatro ou cinco colheres das de sopa do melhor azeite que se conseguir e preparar o seguinte molho: -- Pica-se finalmente uma cebolinha e deixa-se alorar ao de leve, mas sem tostar, temperando seguidamente com tomilhos, duas folhas de loiro, uma dúzia de rabos de salsa e dois dentes de alho esmagados; adelgaçar com um decilitro de "Quinta da Serra -- branco" e deixar ferver até ficar reduzido à metade. Acrescentar em tão mais dois decilitros do mesmo vinho, duas colheres, bem cheias, de calda de tomate e deixar ferver novamente até que fique reduzido a dois terços. Juntar agora uma colher de mostarda, bem abonada, outra de mólho inglês (*) mais duas de azeite, mexer e passar tudo por um coador de rede fina, esmagando bem todos os supraditos ingredientes com as costas duma colher. Deitar sobre o peixe e servir acompanhado de arroz de forno ou com batatas em «robe de chambre» -- cozidas com a casca.

(*) -- **Mólho inglês** -- (Worcester Shire Sauce) -- Uma gema de ovo, 25 gramas de manteiga e outras tantas de açúcar. Bate tudo muito bem até obter uma pasta homogénea. Seguidamente, juntar igual volume de leite, pre-

viamente fervido com um bocadinho de baunilha mexer bem, passar por um peneiro de seda e por ao fogo, mas tendo o cuidado de não deixar ferver. Repassar pelo peneiro e arrefecer transfegando duma para outra vasilha. Guardar em local fresco.

Foi de 125\$50 o rendimento do peditério aqui efectuado em benefício da O. V. S. (Obra das Vocações e dos Seminários).

-- Têm havido bastante doentes, atacados pelo reumatismo, a pontos de terem de guardar o leito, os nossos estimados amigos e assinantes srs. José Maria Pereira, considerado proprietário e comerciante, e José Eugénio Gonçalves Pereira, consagrado mestre de corte e de costura. Desejo vê-los prontos e completamente restabelecidos.

-- Embarcou ontem com destino a terras de Santa Cruz o sr. Ricardo de Sousa Lobato, filho do sr. Claudio de Sousa Lobato, muito digno regedor desta freguesia. Desejo lhe muito boa viagem e as maiores felicidades.

-- Para assistir ao embarque de seu irmão, foi a Lisboa o sr. Augusto de Sousa Lobato.

-- Os tais ciganos ainda aqui se encontram com um apetite voraz. Assim há dias, morreu alguns um porco -- talvez de febre aftosa ou de doença rubra -- e... chama ram-lhe um doce.

H' caso para perguntar quem dentre comido e comedores, é o mais porco... -- C.

Castro Laboreiro

(Continuação da 1.ª pág.)

peçoais resolveu parcialmente esta necessidade imperiosa com a sua modesta casa pensão.

Em fins do último ano pude, já, indicar a casa da "Ti Ana", para dois grupos de caçadores que ali se puderam hospedar.

Castro Laboreiro agora, agora, ao turista, aos desportistas -- caçadores e pescadores -- e facilitou-lhes a deslocação.

Não falta ali o bom presunto nem o belo pão centeio. Impõe-se, no entanto, uma boa escolha de vinhos e um aperfeiçoamento de cozinha e instalações.

A «Ti Ana» foi percursora e todos os que aportamos à Vila de Castro devemos-lhe o grande favor de termos onde nos recolher com módico preço.

Além do Turismo, da caça e da pesca, Castro Laboreiro gozou da fama dos seus óptimos cães de guarda.

Contam-se -- histórias ou lendas? -- factos maravilhosos da dedicação desses cães, amigos e fiéis.

A raça parece extinguir-se e era, de verdade, um belo cartaz da nossa terra.

Que se tem feito para a salvar?

O proprietário local não tem possibilidades económicas para tal nem conhecimentos para obter uma raça pura.

Não lhes cabe a responsabilidade do desaparecimento, se é que já se deu.

E não se deveria tentar? Isto fez-se com os cães da Serra da Estrela, onde um médico veterinário obteve êxitos assinalados.

Não deveria a Comissão Municipal de Turismo e o Médico Veterinário estudar o assunto?

Castro Laboreiro representa muito para Melgaço e muito mais representará quando a estrada de Arcos a Melgaço esteja concluída. Ver os problemas de longe é resolvê-los com antecedência.

JÚLIO VAZ

Por Melgaço

(Continuação da 1.ª pág.)

A Junta da Colonização Interna tem projectado para Melgaço bastantes obras: represas, barragens, levadas, casais agrícolas...

Por que é que as autoridades locais, onde se encontram tantas dedicacões, tantas boas vontades não estudam essas possibilidades, ajudando a dar corpo a uma obra que é pela nossa terra?

IV -- As estradas

Uma coisa que não nos dará dinheiro ao Município, era o prolongamento dessas estradas que dos Arcos se nos dirigem a passo de lesma.

Que se tem feito em Melgaço para que esses trabalhos tenham mais volume?

Parada do Monte, 23

Nascimentos -- No dia 28 de Janeiro, próximo findo, foi enriquecido com mais uma robusta menina o lar do nosso amigo Sr. Justino Vieites Machado, e de sua esposa Sra. Ernestina de Jesus Esteves.

Também deu à luz uma criança do sexo masculino a Sra. Júlia Esteves, esposa do Sr. Albano Esteves do lugar do Tablado.

Também no dia 19 deu à luz uma criança do sexo masculino a Sra. Maria Pires esposa do Sr. Manuel Esteves, do lugar de Cortegada.

Casamento -- Brevemente vai realizar o seu enlace o Sr. Abílio Domingues com a Sra. Maria Esteves, do lugar da Trigueira.

Finalmente desde que a estrada chegou a Castro Laboreiro, estas freguesias da montanha, tem chamado pela carreira diária que nos ligue à sede do concelho.

Pensamos que em Janeiro de 1952 fosse inaugurada a carreira diária.

Porém qual não foi a nossa surpresa ao ler em «A Voz de Melgaço» que a carreira em vez de diária, seria 2 vezes por mês em 10 e 25. Pois sendo assim pouco adianta. Precisamos duma carreira diária com horário estabelecido, como a de Melgaço a Monção. O povo da montanha é tão merecedor da carreira diária como a da Ribeira.

C.

e a nossa terra possa rapidamente contar com uma rede de estradas que lhe dariam tanta vida e tanto dinheiro?

O que se perde com os turistas que vem a Monção em tantíssimas excursões e não sobem aqui...

Há telefone e estradas recentes nas serras de Melgaço? -- E que se fez por isso? -- Que fizemos nós por elas?

Podem ainda os Serviços Florestais dar-nos muitíssimo mais.

E nós sabemos da boa vontade dos seus Engenheiros em dotar a nossa terra com tudo o que lhes estiver ao alcance.

Com que satisfação, com que alegria o sr. Director dos Serviços Florestais do Norte, Eng. Machado, alegria e satisfação perfilhada pelo seu ilustre colaborador, sr. Eng. Costa, respondia no alto da serra de Santo António ao Rev. P. Bernardo: -- «pois terão aqui brevemente a estrada». E vão tê-la!

Uma estrada que vai de Rouças, da Gaveira, a Rita de Mouro e dali a Monção.

Para muitíssimas coisas, não é preciso dinheiro do Município. É preciso boa vontade, dedicação a toda a prova. É preciso querer e teimar sempre.

Como é lindo ver pelas aldeias, em estudo, em inaugurações, em trabalhos as Autoridades duma Terra. -- Isso, sim que é ter interesse. -- Isso, sim que é querer mais e melhor.

E afinal, é triunfar.

V -- Dr. Varela Seixas

Pela sua posição de alto funcionário do Comissariado do Desemprego em Lisboa, onde se repartem tantíssimas verbas que vão beneficiar o país, pelas suas grandes relações e as do cargo que brilhantemente ocupa, e porque é filho adoptivo desta terra, a que se prendeu pelo coração e pelo casamento, o nosso querido e ilustre Amigo, que também é dirigente da Casa de Entre Douro e Minho pode prestar grandes serviços à nossa querida Terra.

Outras o sentem e largamente, como o pudemos verificar. Não desperdice mos os valores da nossa Terra.

E assim todos unidos, alma e coração, numa só frente, havemos de triunfar e vencer.

Porque temos de vencer.

(Continuaremos)

LUDOVINA MARTINS
DENTISTA

PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DÁ CONSULTAS EM MELGAÇO, NA CASA
RAMIRO, AS SEXTAS E SÁBADOS

Efemérides

Em 2 de Março de 1914, com a idade de 91 anos, faleceu em Bilhões, freguesia de Rouças, Agostinho Manuel Cardoso, então o decano dos burbeiros com celhios e cuja oficina, creio eu, era no Rio do Porto.

Em 6 de Março de 1838, D. João I que três dias antes havia tomado a praça de Melgaço, entregou a alcaidoria desta a João Roiz de Sá, o bravo Sá das Galés, após o que acompanhado pela rainha, D. Filipa de Lencastre, e por toda a sua comitiva, retirou a caminho do sul do País. Foi isto numa quinta-feira.

Em 7 de Março de 1867, nasceu em S. Gregório, Cristóval, o rev. Manuel Bento Gomes, que havia de vir a ser o primeiro arcepreste de Melgaço. Foram seus pais Bento Gomes e Delfina de Sousa Viana.

Em 8 de Março de 1839, Joaquim António de Sousa Araújo, «Regeador de Parochia da freguesia da Villa e suas anexas por sua Magestade Fedelíssima a Rainha que Deus Guarde etc.», conferiu as contas da Confraria de Nossa Senhora do Rosário da Vila, do ano de 1838. Cobrou 720 reis. Este regeador ou era analfabeto ou vaidoso; pois dava-se ao luxo de ter um escriva. E assim todos os seus termos, invariavelmente, rematavam: «e Eu Manoel Joaquim Soares Escrivão do Regeador o escrevi».

Em 9 de Março de 1756,

morreu na Vila o rev. António de Magalhães.

Em 10 de Março de 1804, Francisco Manuel Pereira Novais, cabo de infantaria de Valença, e sua mulher, moradores na rua Direita, contrairam a Confraria do Senhor desta Vila um empréstimo de 13.500 reis. Deram por fiador e principal pagador Manuel Pereira Novais, provavelmente irmão da quele.

Em 11 de Março de 1905, faleceu no Coto, freguesia de Prado, Manuel Joaquim Pereira de Castro, filho de Manuel José Pereira de Castro. Foi casado com D. Maria Joaquina Pereira de Castro de quem houve a Manuel Vicente Pereira de Castro e a D. Josefina da Conceição Pereira de Castro, a qual casando com Luiz Caetano Esteves tiveram: a Corina Augusta, Alfredo José, Constância da Pureza e Isabel Cândida Esteves. Este apelido de Pereira de Castro, tal como os de Sousa Paílhães e de Sousa Gama, por falta de varonia, extinguem-se na referida freguesia.

Em 13 de Março de 1913, a Comissão Distrital, em sua sessão, aprovou o projecto do lavadouro público desta Vila.

E no mesmo dia e mês de 1752 — que o mesmo é dizer faz agora duzentos anos — em Monção, o dr. António Marques da Maia, corregedor e provedor com alçada e correição na co

Sociedade Castro Laboreiro, 22

Aniversários — Fazem anos: — no dia 3 o sr. Henrique Fernandes Bermudes; no dia 7 a sra. D. Clarice da Mota Solheiro Pinto; no dia 8 a menina Ana de Fátima Fernandes Pereira; no dia 9 o menino António Cândido Esteves; no dia 10 o sr. Vitorino Esteves (Cabana); no dia 11 o sr. Manuel Gonçalves, no dia 12 a sra. D. Maria Amélia Vaz Gomes Pinheiro e no dia 13 o sr. António Arsénio Gomes Pinheiro e o menino José António Ribeiro da Silva.

De regresso — Depois de terem permanecido cerca de dois meses na cidade do Porto, regressaram à sua residência, em G. Vilão, as srs. D. Rufina Pinto e D. Violeta do Carmo Araújo. Boas viadas.

marca da «muito notável villa deviana foz do Lima» conferiu as contas da Confraria do S.S. Sacramento da Vila, relativas aos anos de 1721 a 1751. Cobrou pela verificação das ditas, «na forma danova ley», a bacatela de 9.200 reis e mais 4 000 reis para . . . o que não conseguí saber. Talvez para a tal corda do sino . . .

E, para concluir, que me não esqueça acrescentar que os oficiais da Confraria do referido ano, dispenderam mais 135 reis «que levou o metrinho a levar e trazer (as contas) a Monção».

Mário

Continua a fazer frio intenso o que é habitual neste tempo sentir-se nesta freguesia montanhosa, ao qual vamos resistindo com coragem para que, não nos paralize o sangue no corpo com estas intempéries que são próprias da época.

Os lavradores cá do alto, fartam-se de exportar semente de batata para a ribeira a qual é preferida, e bora este ano o seu preço não vá além de 30\$00 o alqueire de 22 kg. É pouco para o costume dos anos transactos, visto que até aqui, um alqueire de batatas estava em relação com o de milho, tanto no preço como para a habitual troca.

Apareceu a dar-nos uma nova, no passado dia 10 do corrente, chegando até ao lugar da villa (Términus da estrada) uma camionete de transporte colectivo de passageiros da Empresa Auto Viação Melgaço Lda e que dizem ser a carreira autorizada para fazer o trajecto desde Melgaço a esta freguesia, mas foi informado que apenas era bi-mensal, tendo os seus dias marcados para 10 e 25 de cada mês.

Ora não beneficiando em nada este povo humilde, só com esses dois dias por mês, resolveram mais uma vez não se conservarem calados, porque diz o ditado «quem cala consente» solicitando por intermédio de uma exposição do Sr. Ministro das Comunicações as providências que o caso requer, pois quem a carreira diária e não doutra qualquer forma. E' assim mesmo que se faz e assim devia fazer o povo das suas congéneres, quando veem tranca das as suas petições. Avante pois o bom povo desta

ROUÇAS, 21

Faleceu hoje, no lugar da Freita, a Senhora Maria Rodrigues, que há bastante tempo se encontrava doente. A seu marido, filhas e genros os nossos senhores pesames.

— Em serviços da Junta de Colonização Interna esteve aqui há dias, o Sr. Engenheiro Tomada. Vistrou os montes e também esteve em Fiães.

— Uniram-se em matrimónio os Srs. António Fernandes e Maria Gonçalves (Barreira) de Sobral. Que tenham amaba lua de mel.

— Está para breve o casamento do nosso amigo e assinante António de Araújo e Ermezinda Dias Esteves, ele de Paço, dis tintoguarda florestal, e ela, de Cavaleiros. — C.

freguesia, que não quer ficar com a lanterna vermelha.

Já está a funcionar o lindo fontanário do lugar da vila o qual abastece de água este lugar que até aqui estava a beber água imprópria para consumo. Tem aspecto regional o que muito embeleza o lar do Eirado.

A passar algum tempo junto dos seus, regressaram de França alguns indivíduos desta freguesia e entre eles contamos os nossos amigos Manuel Esteves, António Domingues e Herculano Fernandes, de Várzea Travessa, e Adjuto Pires e Américo Domingos, do lugar de Portelinha.

Realizou o seu enlace matrimonial o Sr. Adjuto Pires com a menina Ermelinda Fernandes, ambos do lugar de Portelinha.

Que sejam felizes são os votos do C.

Quanto ao resto, nem tudo era inútil, escusado. Ali funciona um tribunal que nos faz justiça, que nos defende a vida e a propriedade, impondo o cumprimento da lei. Justiça! Tribunal! Esclamou o meu interlocutor. Os céus me livrem de um e douro! No final, pode ser que nos deixem a camisa, que vestimos, mas é necessário que sejamos os vencedores da demanda. E diz o senhor, continuou, voltando-se para mim, que nos defende dos malfiteiros, dos assassinos? Pois são eles, os tribunais, que, às vezes levam a

Março, 1

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO»

N.º 2

NOBREZA DE BANDOLEIRO

vilda do crime um homem honrado. Quantas vezes, uma injustiça até inconsciente não fez um criminoso. A miséria tem sido a conselheira de muitos roubos e violações! O meu companheiro exaltava-se, não dava mostras de fatigado. Deste modo, a conversa transitou para assunto de bandidos, de celerados de toda a especie e, assim, se

encurtava o caminho. Encravamos nos já a pequena distância da villa, mesmo à beira do regato, que desce das alturas de Fiães, num local, aprazível, no verão, onde os carvalhos, os castanheiros e os amieiros, entrelaçam do-se, por cima, fazem vasta abóbada. Ao chegar aqui, o nosso homem estava aqui, e como lhe acudisse à mente qualquer facto

importante, bateu com a mão na frente e disse: foi neste sitio que o Tomás das Quingostas tentou assaltar um grupo de mulheres, que regressavam do mercado. Minha avó também vinha com elas! Eu limitei-me a observar: «Ah, sim? E quem lhes valeu? Ninguém, respondeu o lavrador. O Tomás não era homem que assaltasse por breves viajantes, muito me

nos mulheres. Quando as reconheceu mandou-a sem paz». Eu mostrei-me admirado, com o gesto do bandido, sem que tivesse ouvido contar façanhas deste género, imputadas ao celebre salteador, que foi, sob alguns aspectos, o José do Telhado do Concelho de Melgaço. O meu interlocutor, porém, entendeu que o famoso Tomás das Quingostas me era, inteiramente, desconhecido e por isso perguntou, se já tinha ou visto falar dele.

(CONTINUA)